



AMANDA EMERICH SETÚBAL

Para além da Memória:

*Sobre a preservação de Monumentos e Patrimônios Históricos
no município de São Vicente (SP)*

SANTOS
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

Instituto Saúde e Sociedade
Curso de Serviço Social
Campus Baixada Santista

Para além da Memória:

Sobre a preservação de Monumentos e Patrimônios Históricos no município de São Vicente (SP)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Bacharelado em Serviço Social pela Universidade Federal de São Paulo.

Orientador: Profº Marcos Ferreira de Paula.

SANTOS
2024

Setúbal , Amanda Emerich ;
Para além da Memória: Sobre a preservação de
Monumentos e Patrimônios históricos no município de São
Vicente (SP). / Amanda Emerich Setúbal ; Orientador
Profº Marcos Ferreira de Paula. -- Santos, 2024.
42 p. ; 30cm

TCC (Graduação - Serviço Social) -- Instituto de
Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São
Paulo, 2024.

1. São Vicente. 2. Monumentos Históricos . 3.
Preservação de patrimônios . I. de Paula, Profº Marcos
Ferreira , Orient. II. Título.

CDD 361.3

AMANDA EMERICH SETÚBAL

Para além da Memória:

Sobre a preservação de Monumentos e Patrimônios Históricos no município de São Vicente (SP)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de graduação em Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo.

Baixada Santista, 19 de julho de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof./Profa. Dr./Dra.....

Prof. Dr. Marcos Ferreira de Paula - Orientador

Resumo: O seguinte Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar as construções, espaços e monumentos históricos do município de São Vicente(SP). Tratando-se de uma cidade que é considerada o ponto de partida da colonização portuguesa no Brasil, tenta-se desvendar, a partir do estado de conservação/deterioração dos seus monumentos e patrimônios históricos, quais possíveis causas levaram sua história e relevância a séculos de esquecimento e quais as implicações disso.

Palavras-chave: São Vicente, patrimônio histórico, história, memória, monumentos

Extract: The following text has the objective to analyze the buildings, spaces and historical monuments in the city of São Vicente(SP). Thinking about a city that is considered the starting point of Portuguese colonization in Brazil, we'll try to unveil – based on the state of the deterioration of its monuments and historical heritage – the possible causes that led its history and relevance to centuries of oblivion and which implications this carried.

Keywords: São Vicente, historical sites, history, memory, monuments

Agradecimentos

À minha mãe, mulher guerreira e amável, que me ensinou sobre o amor e a coragem. Ao meu irmão querido, Guilherme, que é meu melhor amigo e confidente. Ao meu companheiro e meus amigos queridos, que tenho a sorte de ter encontrado durante essa jornada e aos quais posso compartilhar alegrias e dores. Ao meu padrinho genial, que me inclinou sempre ao conhecimento sensível. Aos meus bichinhos carinhosos: *Lola, Maggie, Clara, Scooby, Lis, Guino, Sasha, Jullie, Marie e Blue*. Aos meus professores e meu orientador, grandes mestres que me inspiram.

À São Vicente, cidade que nasci e cresci, e que desde sempre me desperta mística curiosidade e paixão.

Sumário

| | |
|--|----|
| Introdução | 10 |
| Capítulo 1: Breve história da cidade de São Vicente | 12 |
| Capítulo 2: A cidade de São Vicente e o que restou da sua história | 17 |
| Capítulo 3: O lugar de São Vicente na história do Brasil | 34 |
| Conclusão | 38 |
| Referências bibliográficas | 41 |

*“Em mapas e cartas, anosos, antigos.
Teu nome figura, com muitas grafias.
No início do século, ali já se via
A ti se voltava, o navio que partia.”*

EGUINALDO HÉLIO DE SOUZA (Epopéia Vicentina, 2007)

Introdução

Não foi desde sempre que São Vicente foi reconhecida como a primeira cidade do Brasil. Um título com tamanha relevância, naturalmente, se tornaria tópico de disputa entre outras cidades e regiões do país.

Por esse motivo, em 1965, políticos de São Vicente se uniram para trazer o título para o município, que foi concedido no mesmo ano por meio da Lei N° 4.603/1965, que definiu no seu Art.1: “À Cidade de São Vicente - Célula Mater da Nacionalidade - é concedida, em caráter excepcional, a denominação de “Cidade Monumento da História Pátria”. Dessa forma a cidade adquire o título de “*Cellula Mater*”, do latim, “Célula-mãe” – a que deu origem a todas as outras, a “Gênese”.

O seguinte trabalho tem como objeto de estudo a história social do município de São Vicente – SP, analisando-a sob o prisma de suas construções, espaços e monumentos históricos, pois são elementos que a constituem materialmente e que servirão para tratar de momentos pontuais da história da cidade, sendo, portanto, o fio condutor de toda a pesquisa.

Vale mencionar que esse enfoque foi escolhido, pois, tratando-se de uma cidade com uma história de mais de quatro séculos, naturalmente, analisá-la por completo demandaria um estudo muito mais aprofundado e duradouro.

Por esse mesmo motivo, é necessário pontuar desde o princípio que a análise se limita à fração insular de São Vicente – isto é, a ilha –, excluindo-se portanto toda a parte continental da cidade.

Quanto ao problema norteador da pesquisa, tem-se a indagação: Como e por que São Vicente, que é considerada a “Célula Mater da Nacionalidade”, a “mãe da nação” e a mais antiga do país, tem tão pouco do seu material histórico preservado? O que poderia ter ocorrido ao longo da sua trajetória para que grande parte da sua riqueza se perdesse pelo caminho? E, neste caso, qual o sentido e/ou o significado do símbolo ostentado em vários lugares: “São Vicente, a primeira”?

Para desenvolver a análise que responderá a esses questionamentos, o trabalho será dividido em três momentos.

Percorreremos inicialmente um panorama histórico geral da cidade, partindo desde a sua fundação enquanto vila, passando pela sua caracterização ao longo dos séculos no Brasil Colônia, Império e República, até chegarmos ao século XXI.

Adiante, no capítulo seguinte, será feito um mergulho etnográfico. Serão elencados, por meio de uma coletânea de registros fotográficos, monumentos e patrimônios históricos que foram, na medida do possível, preservados. Em contrapartida, por meio de outros registros, também estarão catalogados elementos que, pelos fatores mais diversos, foram destruídos. O propósito é chegar a uma conclusão sobre o que, afinal, restou de São Vicente ao longo de mais de 500 anos de sua história. Para esse momento, foram realizadas buscas em acervos digitais, no Museu Casa Martim Afonso, no Parque Cultural Vila de São Vicente e na Casa do Barão, além de um verdadeiro giro histórico pelo centro da cidade.

No último capítulo, com o material recolhido e analisado, e uma pequena abordagem feita com alguns moradores, é feita uma reflexão final a respeito de São Vicente e seu lugar na história do Brasil. O que representa ela enquanto símbolo nacional e como os habitantes da cidade se veem na atualidade?

Breve história da cidade de São Vicente

Embora já houvesse a presença de portugueses degredados vivendo entre os indígenas na costa litorânea do que hoje constitui a Baixada Santista, é somente com a fundação da Vila de São Vicente que a coroa portuguesa oficializa uma base administrativa e passa a expandir seus negócios na sua, até então, improdutiva colônia.

O motivo por trás da fundação de uma vila estava na fragilidade do Tratado de Tordesilhas estabelecido entre Portugal e Espanha em 1494, que dividia as terras do “Novo Mundo”¹, e nos constantes ataques e invasões de holandeses e corsários franceses.

Para expulsá-los, era necessária “a posse efetiva de toda a costa brasileira, e a fundação de núcleos povoadores que evitassem esse tipo de invasões” (FABRA, 2004). D. João III, rei de Portugal, percebendo o fato, decide então iniciar uma ocupação oficial, enviando o fidalgo² Martim Afonso de Souza com a tarefa de estabelecer-se no território.

No dia 22 de janeiro de 1532, Martim Afonso, junto à sua expedição, chega à costa e funda a vila de São Vicente. O nome da vila, como de costume lusitano, carrega o nome do santo do dia – no caso em questão, o mártir hispânico São Vicente de Saragoça.

Em 1534, dois anos após a chegada e consolidação da esquadra de Martim Afonso, a Coroa portuguesa decide dividir sua colônia em 15 grandes faixas de terra conhecidas como capitânicas hereditárias, lotes de terra que eram entregues a um

¹ As Américas no período das Grandes Expedições

² Aglutinação de “filho-de-algo”; na monarquia Portuguesa, um aristocrata.

fidalgo de confiança da coroa chamado de “donatário”. Este donatário era imbuído do dever de estabelecer-se e produzir para a metrópole dentro do território que lhe era cedido.

A capitania de São Vicente é doada a Martim Afonso, este, no entanto, viaja para a Índia e deixa a capitania nas mãos de um pequeno grupo de homens da sua confiança. O plantio da cana-de-açúcar, principal produto de interesse da Coroa, não prospera devido ao clima litorâneo:

A capitania de São Paulo, composta por três vilas à beira-mar, São Vicente, Santos e Ipiranga [...] representava um implante medíocre. Os engenhos de açúcar não prosperaram nem surgiram outras lavouras. Mesmo a produção de pau-brasil foi sempre medíocre comparada com as de outras províncias. As missões jesuíticas também ali se desenvolveram pouco, reunindo apenas um bloco de índios” (Ribeiro, 2015, p. 144).

Tais condições desfavorecem São Vicente em relação às outras vilas e capitanias. No final do século XVI, nos textos escritos pelo jesuíta Fernão Cardim entre 1583 e 1601, o seu declínio já era evidente:

São Vicente é capitania: tem quatro vilas, a primeira é São Vicente, [...] situada em lugar baixo, manencolizado e soturno, em uma ilha de duas léguas de comprido. Essa foi a primeira vila e povoação de portugueses que houve no Brasil; foi rica, agora é pobre por se lhe fechar o porto de mar e barra antiga, por onde entrou com sua frota Martim Afonso de Sousa; e também, por estarem as terras gastas e faltarem índios que as cultivem, se vai despovoando [...] Aqui têm os padres uma casa onde residem de ordinário seis da Companhia: o sítio é mal assombrado, sem vista, ainda que muito sadio” (Cardim, *Tratados de Terra e Gente do Brasil*, 1925, pág. 158)

Com a chegada da Família Real, em 1808, e a consolidação do Império e da independência em 1822, entre tantos outros territórios mais prósperos, São Vicente é esquecida. Para se ter uma dimensão, até 1878, São Vicente possuía apenas 11

ruas³ e somente em 1895 foi elevada à categoria de cidade, o que evidencia um longo histórico de abandono.

Figura 1 - Planta de São Vicente com suas 11 ruas, criada por Jules Martin em 1878



Fonte: Arquivos do Condephaat, 2005.

Somente no começo do século XX, já durante o Brasil republicano, com o empreendimento das ferrovias, o estado de São Paulo passa a se expandir para o seu interior, até então bem pouco ocupado, e prospera durante o ciclo do café.

Na década de 1960, com o empreendimento balneário crescente, São Vicente se tornou refúgio para os veranistas paulistanos do interior que possuíam chácaras, terrenos e sítios e costumavam viajar no período de férias para desfrutar do lazer nas praias do litoral Santista.

Foi nesse mesmo período que Praia Grande se desmembra de São Vicente e se consolida como município. A criação da Ponte Pênsil é uma das variáveis que facilita esse processo de tomada de autonomia.

³ Fonte: Arquivos cartográficos do Condephaat, 2005.

⁴ Fonte: dados do IBGE, 2013.

A perda de territórios de São Vicente para outros municípios é uma constante na sua história: em 1545, perde território para Santos, quando esta recebe o título de vila, e em 1561 seus territórios que hoje equivalem a Itanhaém também se tornam autônomos. A perda de territórios para Santos ocorre diversas vezes dadas as fronteiras difusas e a própria geografia, resultando também na perda de diversos monumentos históricos.

Santos também perde território com o desmembramento e a formação de Cubatão, que é um elemento-chave para o entendimento do crescimento demográfico de São Vicente na década de 70.

Com o acelerado processo de industrialização que o país passava, Cubatão passa a sediar um polo industrial; o que ocasiona um *boom* demográfico em São Vicente devido à imensa imigração de trabalhadores nordestinos vindos em busca de melhores condições de vida e que encontram, na cidade, moradias a menor custo para se estabelecerem. É nesse período que a área continental de São Vicente se amplia repentinamente, crescendo de forma desordenada, muitas vezes com ocupações em áreas irregulares.

Até então, São Vicente possuía um enorme contingente de mão de obra, no entanto, sua estagnação econômica perdura até a década de 80. Com suas duas vizinhas gigantes – Santos, com seu porto, e Cubatão, com seu pólo industrial – o município se consolida como “cidade-dormitório”, pois muitos dos seus moradores trabalhavam nas cidades vizinhas e retornavam somente para dormir.

A partir dos anos 90, São Vicente ganha novos ares e o município “passa por um momento de reorganização nos planos territorial, social e econômico graças às ações públicas, visando criar oportunidades de emprego para reerguer o município com o turismo” (TULIK, 2003, p.94). O comércio local se intensifica e a partir dos anos 2000, quando uma série de revitalizações são feitas no centro da cidade, muitos consumidores são atraídos, vindos de outros municípios.

A *Encenação de São Vicente*, no começo dos anos 2000, também teve sua parcela de mérito em alavancar o turismo e trazer uma maior visibilidade para a cidade. O evento se iniciou em 1982 como uma iniciativa dos próprios moradores de encenarem na areia da Praia do Gonzaguinha, simulando as origens históricas da

cidade com a chegada de Martim Afonso e o encontro com a índia Bartira e João Ramalho – “personagens” quase míticos da fundação da cidade. No entanto, é só final dos anos 90 e começo dos anos 2000 que o espetáculo ganhou visibilidade nacional e uma produção de grande expressividade, contando com a atuação de atores renomados e famosos da TV brasileira e mais de 1000 atores da comunidade em cena, sendo considerado o maior espetáculo em areia de praia no mundo e com uma plateia que chega a 10 mil pessoas por dia (TULIK, 2003, p.99), durante a semana do evento, que ocorre de forma anual.

Hoje, o comércio em São Vicente gira em torno das lojas de produtos importados e de baixo custo que se encontram principalmente nos arredores da Praça Barão. A instalação de um Shopping Center em 2007 também impulsionou comércios, restaurantes e barzinhos.

A cidade de São Vicente e o que restou da sua história

No que diz respeito à definição de Monumento histórico, a literatura disponível e as discussões são intermináveis. Após os incontáveis debates que se estenderam no segundo Congresso internacional de arquitetos e técnicos de monumentos históricos em 1964, foi formulada a *A carta de Veneza*⁴, que em seu Art. 1º dá a seguinte definição para o conceito de monumento histórico:

[...] engloba, não só as criações arquitetônicas isoladamente, mas também os sítios, urbanos ou rurais, nos quais sejam patentes os testemunhos de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou do progresso, ou algum acontecimento histórico. Este conceito é aplicável, quer às grandes criações, quer às realizações mais modestas que tenham adquirido significado cultural com o passar do tempo.

Essa conceituação é importante porque destaca a importância não somente das grandes e megalomaniacas obras arquitetônicas como se conhece, mas de toda criação humana que testemunhe de alguma maneira os rastros do passado, compreendendo a sua importância cultural, social e histórica.

No seu texto *“O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição”*, José Reginaldo Santos Gonçalves escreve:

[...] é comum que se assuma como um dado que os patrimônios materiais ou imateriais expressam ou representam a “identidade” de grupos e segmentos sociais. Um tipo de arquitetura, assim como uma culinária, uma atividade festiva, uma forma de artesanato ou um tipo de música, pode ser identificado como “patrimônio cultural” na medida em que é reconhecido por um grupo (e eventualmente pelo

⁴ documento com reconhecimento internacional e uma das grandes referências para as áreas de Arqueologia, Arquitetura, Artes, Conservação, Direito, História, Museologia, Restauro, Turismo, Urbanismo e campos afins.” (Marshall, 2016), fruto do II congresso internacional de arquitetos e técnicos de monumentos históricos em 1964.

Estado) como algo que lhe é próprio, associado à sua história e, portanto, capaz de definir sua “identidade”. Defender, preservar e lutar pelo reconhecimento público desse patrimônio significa lutar pela própria existência e permanência social e cultural do grupo (Gonçalves, 2015, p. 213)

É a partir dessas definições que o presente capítulo se concentra em apresentar o material coletado, sendo o ponto nevrálgico de todo o trabalho. Dessa forma, se compromete a catalogar os diversos patrimônios históricos de São Vicente construídos, conservados, revitalizados, deteriorados e/ou destruídos pela ação humana, do tempo e da história.

É importante mencionar que mesmo anterior à fundação da vila de São Vicente em 1532, já havia registros de pequenos povoados de europeus degredados⁵ na ilha, o que implicava na existência de pequenas construções improvisadas consolidadas na costa, como, por exemplo, o atual *Porto das Naus*, datado aproximadamente em 1510 e que consistia em um pequeno trapiche alfandegário onde se realizava o comércio com o exterior.

O *Porto das Naus* transformou-se por volta de 1580 em um engenho de açúcar que funcionou aproximadamente até 1615, quando foi destruído por um ataque pirata – uma constante na história de São Vicente colônia. Com promessas de revitalização desde 1959, as ruínas das suas paredes de pedra podem ser vistas até hoje.

Fotografia 2 - Porto das Naus. Ruínas do engenho datado de 1615.

⁵ Diz-se “degredado” sobre aquele que cumpre pena de degredo; exilado.



Fonte: Roteiro Histórico SV, 2024.

Mas é somente a partir da fundação oficial da vila de São Vicente que são erguidas as primeiras construções de administração pública da colônia: uma Câmara, uma Igreja, um pelourinho e a cadeia.

A Igreja, além de espaço para o exercício da fé cristã lusitana, era símbolo central da missão jesuíta de catequização dos povos indígenas, que foi imensa neste período. A maneira de viver dos Tupiniquins do litoral e seu modo de experienciar a vida chocou os jesuítas no seu primeiro contato:

[...]Aqui, a Europa se defronta com multidões de povos exóticos, selvagens uns, civilizados outros, que podiam ser mobilizados como mão-de- obra indispensável para gerar riquezas que ali estavam, à vista, ou que facilmente se podiam produzir. Aqui, nenhuma terra se desperdiça como povo que seia gerando. De toda ela se apropria a classe dominante, menos para uso, porque é demasiada demais, mas a fim de obrigar os gentiossubjugados a trabalhar em terra alheia. Nenhuma liberdade se consente, também, porque se trata com hereges a catequizar, livrando-os da perdição eterna. (Ribeiro, 2015, p 54)

Padre José de Anchieta é um dos principais creditados na catequização de indígenas do litoral. Sua carta “Descrição das Coisas Naturaes de San Vicente” (1560), endereçada à Coroa portuguesa, é um dos documentos mais importantes do período e narra, além das observações das suas explorações dentro da densa

Mata-Atlântica naquele momento ainda inexplorada, o modo de vida indígena; como nomeiam animais, plantas, raízes, remédios naturais e as tais “criaturas demoníacas” que os assombram:

Ha também nos rios outros fantasmas, a que chamam Igpupiára, isto é, que moram n'água, que matam do mesmo aos Índios. [...] Há também outros, maximè nas praias, que vivem a maior parte do tempo junto do mar e dos rios, e são chamados baetatá, que quer dizer “cousa de fogo”, o que é o mesmo como se dissesse “o que é todo fogo”. Não se vê outra cousa senão facho cintilante correndo daqui para ali; acomete rapidamente os Índios e mata-os, como os curupiras: [...] Há também outros espectros do mesmo modo pavorosos, que não só assaltam os Índios, como lhes causam dano; o que não admira, quando por êstes e outros meios semelhantes, que longo fôra enumerar, quer o demônio tornar-se formidável a êstes Brasis, que não conhecem a Deus, e exercer contra eles tão cruel tirania.” (Anchieta, 1560, p. 34-35).

Pouco tempo depois da sua fundação oficial, durante uma tempestade, o mar invade a vila e destrói o Pelourinho, a Igreja e diversas casas que já haviam sido construídas. O pelourinho foi reerguido em 1543 e a Igreja Matriz é reconstruída num ponto mais longe e mais alto. Posteriormente, em 1757, após ter sido alvo de ataque de corsários, a Igreja é reconstruída pela segunda vez sobre as suas próprias ruínas, onde funciona até hoje.

em 1757 após saqueio de corsários, onde permanece até hoje.



Fonte: Amanda Emerich Setúbal, 2024

Logo ao lado da Igreja existem os escombros do que um dia foi o Mercado Municipal. Em 1729 a construção abrigava a Câmara, a cadeia, e um quartel da polícia. Em 1915, a Câmara mudou de local e, com o crescimento da cidade em 1929, o espaço foi criado para alocar o comércio ambulante que também se expandia. Em 2010, durante a gestão Tércio Garcia(2005-2012), o Conselho Municipal tomba a fachada e desde 2020 o Mercado está destruído para obras que, embora alvo de uma série de promessas do poder público, se mantêm intocadas. O terreno encontra-se abandonado, acumulando mato e com a proliferação de larvas de mosquito.

Fotografia 4 - fachada do Mercado Municipal, inaugurado em 1929 e tombado no ano de 2010 pelo Conselho Municipal.



Fonte: Jornal da Orla, 2016.

Fotografia 5 - fachada do Mercado Municipal desativado, em 2024



Fonte: Amanda Emerich Setúbal, 2024

Com o ápice do sucesso da *Encenação de São Vicente* nos anos 2000 desencadeou a construção do Parque Cultural Vila de São Vicente na praça frente à Igreja Matriz em 2001, durante a gestão do prefeito Márcio França(1997-2004). A

proposta inicial era simular as casas e tavernas do princípio da colonização portuguesa, fomentando o turismo e o comércio local, e criando um espaço para vender doces típicos, artesanatos e ainda abrigar um pequeno museu de peças indígenas. Seu uso foi breve, tendo seu auge no começo dos anos 2000, ficando fechado e inutilizado durante anos.

Fotografia 6 - Espaço do Parque Cultural Vila de São Vicente, construído em 2001 com a proposta de simular casas do princípio da colonização portuguesa.



Fonte: Amanda Emerich Setúbal, 2024

A gestão do prefeito Kayo Amado(2021-2024) até consegue reativar e promover a reocupação dos espaços do Parque Cultural Vila de São Vicente pela comunidade, introduzindo aulas gratuitas de teatro, pintura e música, além de retornar com a venda de artesanato e implantando um pequeno acervo de mapas históricos, no entanto, a ideia primordial de simular uma vila histórica com atrações “tradicionais” cai por terra.

Fotografia 7 - Entrada do Parque Cultural



Fonte: Amanda Emerich Setúbal, 2024

A Casa de Martim Afonso é outro exemplo de espaço que se manteve fechado durante anos e foi reaberto posteriormente, em 2020. O imóvel pertencia em 1895 ao Barão de Piracicaba, e no final da década de 90 foi transformado no espaço cultural “Casa de Martim Afonso”, sendo inaugurado em 2000. Hoje, se trata de um museu com um singelo acervo de documentos e fotografias de São Vicente, além do sítio arqueológico encontrado dentro do mesmo terreno com escavações que acontecem desde a década de 90. O sítio arqueológico mantém também a parede histórica, erguida nos fundos do museu, datada do século XVI, que foi tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico, Cultural e Turístico de São Vicente (CONDEPHASV).

Fotografia 8 - Entrada do Museu Casa Martim Afonso, espaço inaugurado em 2000.



Fonte: Amanda Emerich Setúbal, 2024

Anteriormente nomeado Largo da Fonte, após a abolição da escravidão em 1888, passa a se chamar praça 13 de maio, para só então em 1918 carregar o nome atual que referencia o aniversário da cidade: “Praça 22 de Janeiro”. O espaço conta e contou com uma série de obras e monumentos históricos. Entre eles, por exemplo, o Relógio do Sol, relógio de concreto instalado em uma das pontas da praça, marca as horas relacionando-se com o movimento do Sol. Ou o monumento do IV centenário, erguido ao centro da praça desde 1900, que contém gravados alguns momentos históricos brasileiros e nomes envolvidos na fundação da vila de São Vicente, como Martim Afonso e o Cacique Tibiriçá.

A estátua do “Ipupiara”, feita pelo artista Daniel Gonzalez e inaugurada em 1999, foi uma das grandes perdas patrimoniais da Praça, queimada num incêndio

clandestino em 2016, muito embora a fonte já houvesse secado anos antes e não houvesse nela mais peixes. A estátua tratava-se de uma representação da lenda indígena do Ipupiara(ou Hipupiara, ou Ypupyara), uma assombração que se assemelhava a um leão-marinho (e, muito possivelmente, fosse um) e com histórias de aparição no princípio da fundação da vila, no litoral de São Vicente. Em 2024, no lugar da estátua, o que resta é apenas uma fonte vazia.

Já o *Centro Cultural da Imagem e do Som*, inaugurado em 2000, ficou inativo desde 2013 durante a gestão Bili(2013-2016) devido a infiltrações no teto e a laje comprometida. Reabriu somente em 2019, depois de passar por uma revitalização completa, sendo nomeado como o Espaço Multicultural, projeto da Secretaria de Cultura de São Vicente (SECULT) que conta com cursos, sessões de exposições de filmes para crianças e públicos variados e teatro.

A Praça 22 de Janeiro hoje também se tornou ponto de eventos com iniciativa da Prefeitura, contando com atrações variadas e menos voltadas para o turismo-histórico comumente explorado na cidade: *foodtrucks*, brinquedos infláveis e apresentações musicais ao vivo. Além disso, a praça também cede espaço para aulas de trânsito com as crianças da rede municipal e feira de artesanatos aos finais de semana.

Fotografia 9 - Estátua do Ipupiara, feita pelo artista Daniel Gonzalez e inaugurada em 1999.



Fonte: [Colecionadora de Histórias: Ipupiara](#), 2011

Fotografia 10 - Espaço onde ficava localizada a estátua da lenda do Ipupiara, agora vazio



Fonte: Amanda Emerich Setúbal, 2024

Próxima à orla, está a Praça da Biquinha de Anchieta ou – como costuma ser chamada pelos moradores – somente “Biquinha”. O nome está intimamente ligado à presença de uma bica de água potável que desagua do Morro dos Barbosas, construída em 1553 e que abasteceu a população da vila de São Vicente durante séculos. Registra-se que era em frente a esta bica que o Padre José Anchieta catequizava os nativos com quem convivia, utilizando-se da bica quando necessário beber água.

Em 1947 um painel de azulejos construído pelo artista Waldemar Moral Sendin foi instalado na praça, representando Anchieta realizando a catequização. Também há uma estátua do Padre que permanece na praça.

Fotografia 11 - Paineis de Azulejos de Anchieta catequizando indígenas, construído em 1947 pelo artista Waldemar Moral Sendin



Fonte: Amanda Emerich Setúbal, 2024

Fotografia 12 - Estátua Padre Anchieta, obra de Francisco Telles



Fonte: Amanda Emerich Setúbal, 2024

Depois de um incêndio em 2013 nos *boxes* de doces responsáveis por movimentar a praça, o pedaço ficou cercado e fechado por mais de 5 anos. Somente em 2017, já durante a gestão Pedro Gouvêa(2017-2020), a Prefeitura finalizou uma revitalização nos quiosques e no chão da praça. Atualmente, a Praça Biquinha de Anchieta se mantém ativa; constitui-se hoje dos seus quiosques de doces, lojas de *souvenirs*, lanchonetes, e a “mística” Bica. É um ponto de encontro para jovens e passeios familiares.

Fotografia 13 - Praça da Biquinha e seus *boxes* de doces, antes do incêndio de 2013



Fonte: [Juicy Santos](#), 2017.

Fotografia 14 - Praça da Biquinha e seus *boxes* de doces atualmente, reinaugurado somente em 2017 após o incêndio ocorrido em 2013.



Fonte: Amanda Emerich Setúbal, 2024

Alguns metros adiante, na praia do Gonzaguinha sobre a Pedra do Mato, foi erguido o Marco Padrão, em comemoração aos 400 anos da fundação de São Vicente. Consiste num monumento cilíndrico com um prisma no topo contendo os quatro escudos: de Portugal Quinhentista, de Martim Afonso de Souza, da Ordem de Cristo e da Pátria Brasileira.

Mesmo entre os patrimônios alusivos à cultura europeia e entre as pequenas referências indígenas, houve espaço para a consolidação de um espaço que pudesse abrigar atividades que também promovessem a cultura afro-brasileira: A *Casa da Cultura Afro-Brasileira* – até 2015, chamada de “Museu do Escravo” – foi criada em 1976 no Parque Ecológico Voturuá e mantém um acervo de obras que reconta a história dos povos africanos escravizados dentro de uma pequena casa construída aos moldes dos lares mineiros do Brasil Colônia.

A *Biblioteca Historiador Francisco Martins dos Santos* e a atual sede do Instituto Geográfico de São Vicente funcionam dentro da Casa do Barão. Na década de 30 a casa pertencia ao alemão Kurt Gustav von Pritzelwitz, um grande empresário do setor cafeeiro. A casa foi construída por seu sogro, Karl Hellwig. A construção também comporta o Memorial da História Vicentina e o Museu Histórico e Geral da Cidade.

Em 2002, em comemoração aos 500 anos da cidade, São Vicente “ganha” um monumento em forma de arco projetado por Oscar Niemeyer. Localizado no topo da Ilha Porchat, o *Memorial dos 500 anos* é patrimônio tombado da cidade e atração turística. Passou por uma revitalização em 2023 devido às diversas “pichações”.

Fotografia 15 - Memorial dos 500 anos, no topo da Ilha Porchat, também conhecido como Monumento Oscar Niemeyer, nome do arquiteto que projetou o monumento. Inaugurado em 2002.



Fonte: Site Prefeitura de São Vicente. Acesso em 7 de janeiro de 2024

A principal responsável pela emancipação de Praia Grande em relação a São Vicente foi a Ponte Pênsil. Considerada um dos cartões postais da cidade, passou por uma série de reformas ao longo dos anos, mantendo sua conservação estabilizada.

Referenciando a São Vicente colonial, o historiador luso-brasileiro Rocha Pitta(1660-1738) escreve em “História da América Portuguesa”:

É coisa digna de reflexão, que sendo esta a primeira província que se fundou na nossa América, e tendo florescido opulenta em fábricas de engenhos e outras lavouras, donde se proviam naqueles princípios quase todas as povoações do Brasil, de presente não conserve sombras da sua grandeza, carecendo até dos vestígios para crédito da sua memória (Pitta, 1730, p. 105)

Pitta foi contemporâneo ao século XVIII; seu livro publicado praticamente dois séculos após a fundação da Vila de São Vicente, já registra o seu evidente esquecimento e decadência. Nos séculos que sucederam sua fundação, pouco se desenvolveu dentro do seu território; e o que pôde se desenvolver no seu princípio, sofreu com as constantes depredações das mais variadas naturezas (saques, enchentes, incêndios). A respeito de uma São Vicente primordial que floresceu

“opulenta em fábricas de engenhos”, o Porto das Naus, as ruínas de pedra do engenho que permanecem até hoje no bairro do Japuí próximo a ponte Pênsil, é um singelo, tímido atestado de que de fato houve uma São Vicente como a descrita por Pitta.

[...] e que também de cabeça da província perdesse a vila de S. Vicente a dignidade (...) não existindo (...) mais que a igreja matriz com a invocação do Santo, e uma capela de Santo Antônio, pequena pela fábrica e grande pelos milagres que continuamente está obrando em todos os que a visitam, e naqueles moradores que a frequentam, os quais foram em outro tempo muitos, e não passam hoje de oitocentos vizinhos (Pitta, 1730, p. 105).

A Igreja Matriz, reconstruída pela terceira vez em 1751, pode-se dizer, é o monumento histórico mais antigo e mais bem preservado de São Vicente, próximo das suas versões “originais”, sobrevivendo até mesmo há mais tempo do que as construções mais modernas e recentes – apesar da sua primeira versão tendo sido eliminada por uma enchente e a posterior ter sido destruída por um ataque de corsários. Os esforços em preservá-la não são mera conveniência, mas fruto do interesse da Igreja Católica em auto-afirmar seu poder e a “imutabilidade de Deus”, o que tornava essencial a conservação dos seus templos e monumentos.

Já no Brasil moderno, pode-se afirmar que a preservação dos monumentos e patrimônios históricos constituídos ao longo das décadas está intrinsecamente relacionado ao interesse das gestões públicas: gestores que enxergaram a historicidade e o *status* da cidade de “Cellula Mater” como empreendimento fomentador de turismo-comércio parecem ter empenhado maiores esforços em preservar e/ou revitalizar esses espaços; fato que é apresentado no decorrer deste capítulo, ao serem elencadas as fotografias dos espaços e mencionadas as gestões e respectivo período de mandato.

Os patrimônios históricos se tornam para o poder público, portanto, não somente uma maneira de preservar a memória, mas de movimentar a economia; dessa forma, coloca a preservação da história como refém de uma lógica econômica e mercadológica, conforme Gonçalves (2015, p. 220) afirma: “O mercado, seja como

adversário, seja como aliado, sempre esteve presente, de modo implícito ou explícito, nos discursos e políticas de patrimônio”.

Fotografia 16 - Marco Padrão de São Vicente, construído em 1932 em comemoração aos 400 anos da Fundação de São Vicente. Ao fundo do monumento, é possível observar a Ilha Porchat.



Fonte: Amanda Emerich Setúbal, 2024

O lugar de São Vicente na história do Brasil

Durante a década de 70, devido ao baixo custo de vida em relação aos outros municípios da Baixada Santista, São Vicente se tornou essencial para concentrar um enorme contingente de mão de obra que fez crescer economicamente suas duas vizinhas gigantes – Cubatão e Santos. O *boom* demográfico repentino e desordenado, como em toda experiência brasileira de êxodo, resultou em uma série de outras demandas. A classe trabalhadora que se instalou em São Vicente, embora fosse responsável pelo enriquecimento de outros municípios da Baixada Santista, vivia sob condições às vezes menos favoráveis.

No decorrer da realização dos registros pela cidade, alguns moradores foram abordados. O propósito da entrevista era obter dados qualitativos para se chegar a uma conclusão a respeito de como os moradores de São Vicente se enxergam e como enxergam a cidade. Para isso, foram dirigidas as seguintes perguntas norteadoras:

- Qual seu nome?
- Qual a sua idade?
- Qual sua ocupação/com o que trabalha?
- Há quanto tempo mora em São Vicente?
- O que conhece/sabe da história de São Vicente?
- Como é ser morador de São Vicente?

“R.”, de 29 anos, vive desde que nasceu no município, quando perguntado sobre como é ser morador de São Vicente, responde: “Tenho sentimentos mistos sobre viver em São Vicente. Gosto da cidade por questão de ser no litoral”. Em relação aos problemas enfrentados pela cidade, R. diz: “Sinto uma insatisfação com

os governos municipais que vi. Sempre parece que estão entregando o mínimo do que é responsabilidade do município, principalmente na periferia da cidade”

“C.” atualmente mora no município de Praia Grande, tem 30 anos e viveu durante 23 anos em São Vicente. Para ele, viver em São Vicente “era legal”. “Antigamente”, ele diz, “não tinha muito o que fazer, mas com o passar do tempo a cidade foi evoluindo. O maior problema é a segurança”.

“S”, 50 anos, é professora de ensino fundamental em Praia Grande mas reside em São Vicente desde que nasceu. Moradora da Náutica III, um bairro construído próximo ao mangue, relata as mudanças que presenciou ao longo das décadas: “Era só mato, não tinham postes”. Em relação a ser moradora de São Vicente, diz: “Ah, eu gosto daqui da cidade. Eu acho ela... principalmente aquela parte da praça, acho bonita. Parece cidade de interior”

No que diz respeito ao conhecimento acerca da história do município, foram comuns respostas como: “Tenho um conhecimento breve da fundação da vila.[...] Não conheço nada além disso”, “Conheço o básico que eles contam na escola [...] Não consigo pensar em nada agora”.

No decorrer deste trabalho foi possível perceber a contradição que se dá no fato de uma cidade “tão histórica” ter perdido grande parte de suas riquezas ao longo dos séculos. Diante disso, no que diz respeito à história da cidade, as falas dos moradores expõem, em alguns momentos, pouco conhecimento e/ou pouco interesse.

Dessa forma, parece ser possível considerar que o desconhecimento da população em relação à história de sua própria cidade possa estar atrelado à falta de referenciais do passado -- isto é, de monumentos e símbolos históricos -- que se perderam devido à sua deterioração, somada à ausência de políticas de conservação de patrimônios.

Além disso, se pensarmos em patrimônios históricos como símbolos que expressam e representam uma identidade (GONÇALVES, 2015), a importância da sua preservação repercutiria até mesmo na própria autopercepção dos cidadãos. Estes, diante do “vácuo” do passado, não se percebem como resultado dos

processos históricos daquele território e se tornam desmobilizados, como se não se sentissem parte operante da realidade.

Apesar disso, os moradores possuem um bom vínculo afetivo com a cidade, embora não deixem de apontar as demandas e problemas do território, como a ocorrência de enchentes em alguns bairros e o índice de criminalidade.

Contudo, para além da visão dos moradores de São Vicente, há também uma imagem que se tenta passar, em termos históricos, da cidade. Para isso, forjam-se símbolos, “*slogans*”, títulos, lemas que parecem uma tentativa de recuperar o passado perdido e esquecido e que, todavia, permanece apenas no imaginário – isto é, não se materializa com ações concretas que expressam conservação efetiva da história.

Fotografia 17 - Antiga placa da cidade



Fonte: Carlos Fortunato, 2011.

Fotografia 18 - Transporte público de São Vicente com o lema “São Vicente, o Brasil começa aqui”



Fonte: Guilherme Silva, 2022.

Tenta-se criar, a partir de títulos como “Cellula Mater”, “São Vicente, a primeira”, uma identidade, cujo ponto de referência estaria no passado mais remoto da história do país; ou seja: uma identidade *histórica*; fato que é possível de se observar em placas, grafitagens, no transporte público municipal e até mesmo no brasão da cidade.

Hoje, o município de São Vicente alcançou um lugar de considerável estabilidade e visibilidade econômica dentro dos municípios que compõem a Baixada Santista, no entanto, no que diz respeito à preservação da sua história, muito pouco nos resta e ainda muito pouco é reconhecido dentro do país e até mesmo pelos seus próprios moradores, como evidenciado pelas falas dos entrevistados.

Conclusão

São Vicente enfrentou, desde a sua fundação, uma série de problemas das mais diversas naturezas – conflitos entre colonizadores e grupos nativos, invasões e saques de corsários, desastres naturais, clima pouco propício para o desenvolvimento da agricultura – que a levou ao seu declínio em muito pouco tempo “de vida”. O peso econômico que a cidade de Santos adquiriu devido à presença do porto foi a sentença final para que São Vicente caísse no esquecimento.

É somente a partir da expansão para o interior do estado durante o ciclo do café que há um revigoramento: São Vicente se torna ponto de veraneio para turistas do interior que possuem chácaras e o empreendimento balneário também ascende; no entanto, a cidade é ainda relativamente pequena. A partir da década de 1970, sofre com a expansão demográfica devido à presença do polo industrial de Cubatão e passa a exibir um conjunto de desnivelamentos.

O município também passou por uma série de gestões despreocupadas que acabaram por afetar a condução das políticas públicas para a população residente, conseqüentemente deixando de lado a questão da preservação dos seus patrimônios e monumentos históricos.

É impossível fazer um descolamento da questão da preservação (ou não-preservação) de monumentos históricos da própria realidade material, de ordem econômica e social, pois ao passo que podem promover circulação econômica, os monumentos e patrimônios históricos também estão à mercê das mudanças do tempo, das alterações do próprio espaço territorial da cidade e do interesse das gestões. Ao mesmo tempo, a perda e/ou a preservação está diretamente ligada ao conhecimento histórico que os cidadãos possuem da cidade.

A estabilidade que São Vicente adquiriu é recente, no entanto ainda parece muito longe de ter visibilidade digna de uma cidade considerada o “embrião” do Brasil. Afinal, exceto pela Igreja Matriz – que pôde ser preservada ao longo dos séculos tão somente por ser um símbolo essencial do poder da Igreja –, os monumentos e locais que permitiriam ver a sua história longínqua foram, em sua

maioria, muito pouco preservados ou praticamente destruídos em sua totalidade – como é o caso do engenho no Porto das Naus, do pelourinho, entre outros que sequer puderam ser elencados pois não há qualquer resquício das suas existências. A situação é ainda mais grave e evidente quando se coloca em questão os monumentos mais recentes, construídos a partir do início do século XX, como o Mercado Municipal, a Estátua do Ipupiara e os *boxes* de doces da *Praça da Biquinha*, que se converteram em destroços ou em espaços abandonados num período muito curto de tempo – mesmo alguns desses tendo sido tombados pelo Conselho Municipal.

Diante da falta de elementos materiais que atestem a historicidade de São Vicente, gera-se um sintoma: tenta-se criar uma identidade histórica que, no entanto, não passa de um simulacro. Criações como a *Vila Cultural*, com suas casas de alvenaria construídas nos anos 2000, tinham como intenção justamente criar um espaço simulando uma vila antiga, lusitana, com comidas típicas e vendedores usando indumentária aos moldes do século XVI – o que chega a ser irônico, pois se percebe que mesmo esse espaço não conseguiu manter o propósito pelo qual foi criado.

O evento *Encenação da vila de São Vicente* também aparece como um sintoma – talvez um dos principais – dessa ausência, principalmente pensando nas origens do espetáculo na década de 80 que, antes de ser organizado pela Secretaria de Cultura, surgiu como um pequeno evento produzido pela própria comunidade – como se essa pudesse sentir o “vácuo” diante da ausência de sua própria história – e, portanto, o espetáculo encena – isto é, cria – uma espécie de mito fundador, quase mítico, com a chegada de Martim Afonso, o conflito entre portugueses e Tupiniquins, e o casamento de João Ramalho com a Índia Bartira que se constituirá na “conciliação” das raças e das culturas e, portanto, no surgimento idílico e romântico da vila de São Vicente.

Quanto às gestões da cidade, ao invés de gerirem esforços para a real manutenção e preservação dos espaços históricos – isto é, *quando* tiveram interesse em fazê-lo –, se contentaram com a utilização de placas com “São Vicente, a primeira”, “*Celulla Mater*” e *slogans* como “*O Brasil começa aqui*” que, novamente, não passam de tentativas de “criar” uma história que, no entanto, não se apresenta na materialidade.

Tais medidas direcionadas por um viés mercadológico, sem a real intenção de preservar a história orgânica do município, mas de apenas criar uma narrativa histórica que visa construir um comércio atrelado ao turismo-histórico, talvez seja um dos elementos que responda o porquê São Vicente não possuir visibilidade considerável, comparado a outros municípios históricos brasileiros como, por exemplo, Ouro Preto(MG) e Olinda(PE).

Isso explicaria em parte a respeito da contradição apresentada no começo deste trabalho: *Como e por que São Vicente, que é a “primeira”, a “Célula Mater da Nacionalidade”, tem tão pouco do seu material histórico preservado?*

No movimento oscilante entre interesse e desinteresse político em preservar o passado, fundamentado em sua grande maioria a partir de uma lógica comercial, perde-se, no fluxo natural da ação do tempo, o que poderia ser conservado a partir de medidas concretas tomadas pela gestão pública.

Para além das atividades de trânsito que são trabalhadas na Praça 22 de janeiro, crianças e adolescentes das escolas da rede municipal poderiam ter roteiros culturais, planejados e desenvolvidos pensando no acesso aos espaços disponíveis – como a Biblioteca, a Casa Martim Afonso, o Museu Afro-brasileiro, os monumentos da Praça 22 de Janeiro e Praça da Biquinha, o Memorial dos 500 anos – e em contribuir para expansão das suas subjetividades e do conhecimento acerca do seu próprio território e história.

Para que isso seja possível, no entanto, a preservação de patrimônios e monumentos históricos não pode ficar em segundo plano dentro do planejamento das gestões do município, mas pensada enquanto política pública de acesso à cultura – isto é, enquanto um direito fortalecedor de cidadania, das redes de relações e do desenvolvimento humano.

Referências bibliográficas

- *Livros e trabalhos:*

ANCHIETA, Padre José de. CARTAS INÉDITAS: CADERNO No. 7 - SÉRIE DOCUMENTOS HISTÓRICOS CARTA DE SÃO VICENTE 1560. CONSELHO NACIONAL DA RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA, 1900. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4683>. Acesso em 16 Ago. 2024.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Prefácio – Eunícia Barros Barcelos Fernandes, 1923.

CARTA de Veneza. DE MAIO DE 1964. II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos. ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos

FABRA, Carlos. **São Vicente nos primeiros tempos**. PMSV-CONDEPHASV. São Vicente, 2011

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 28, n. 55, p. 211-228, janeiro-junho 2015**. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2015. 211-228 p. v. 55.

LEME, Pedro Taques de Almeida Pais. **História da Capitania de São Vicente** – Biblioteca do Senado, São Paulo, 1772.

PITTA, Sebastião Da Rocha. **História da América Portuguesa (1730)**. Brasília: Edição Senado Federal, 2011.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Editora Global, 2015.

TULIK, O., & Roque, I. T. M. (2003). **Turismo e cultura local: a herança histórica de São Vicente** - São Paulo. Revista Turismo Em Análise, 14(2), 90-102.

- *Notícias:*

ALVES, Marcio. Encenação da Fundação da Vila de São Vicente. **Cidade e Cultura**. Disponível em: <https://www.cidadeecultura.com/encenacao-da-fundacao-da-vila-de-sao-vicente/>. Acesso em: 07 jan. 2024.

BATISTA, Júnior. Abandonado, antigo Mercado Municipal atrai mosquitos e desgosto em São Vicente. **A Tribuna**, 2022. Disponível em: <https://www.tribuna.com.br/cidades/sao-vicente/abandonado-antigo-mercado-municipal-atrai-mosquitos-e-desgosto-em-s-o-vicente-1.49073>. Acesso em: 17 jan. 2024.

G1 Santos. Boxes de doces devem voltar à Praça da Biquinha em São Vicente, SP. **G1 Santos e Região**, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2017/01/boxes-de-doces-devem-voltar-praca-da-biquinha-em-sao-vicente-sp.html>. Acesso em: 17 jan. 2024.

G1 Santos. Prefeitura de São Vicente, SP, interdita prédio do 'Cine 3D Túnel do Tempo'. **G1 Santos e Região**, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2013/01/prefeitura-de-sao-vicente-sp-interdita-predio-do-cine-3d-tunel-do-tempo.html>. Acesso em: 17 jan. 2024.

- *Sites:*

LANÇA, Marco Antonio. A Vila de São Vicente, no século 16 Fonte: GEGRAN, São Vicente, SP, 1974. Escala 1:10.000; CALIXTO, 1924, p. 65. **Research Gate**, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-A-Vila-de-Sao-Vicente-no-seculo-16-Fonte-GEGRAN-Sao-Vicente-SP-1974_fig1_270549314. Acesso em: 07 jan. 2024.

Praça 22 de Janeiro. **Prefeitura de São Vicente**, 2021. Disponível em: <https://www.saovicente.sp.gov.br/praca-22-de-janeiro>. Acesso em: 07 jan. 2024.

IBGE Cidades: São Vicente. **IBGE**, 2013. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-vicente/historico>. Acesso em: 07 jan. 2024.

- *Imagens/fotografias:*

MARTIN, Jules. **Planta de São Vicente com suas 11 ruas, criada por Jules Martin em 1878**. 1878. 1 imagem. Disponível em:

https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Planta-de-Sao-Vicente-criada-por-Jules-Martin-em-1878-Fonte-Arquivos-do_fig3_270549314. Acesso em 6 de mar. de 2024.

Fotografia 2 - [Porto das Naus \(roteirohistoricosv.com.br https://www.camaraaovicente.sp.gov.br/](https://www.camaraaovicente.sp.gov.br/Porto-das-Naus)

JORNAL DA ORLA. **Fachada do Mercado Municipal, inaugurado em 1929 e tombado no ano de 2010 pelo Conselho Municipal.** 19 abr. 2016. 4 fotografia. Disponível em: <https://jornaldaorla.com.br/noticias/24656-rodoviaria-de-sao-vicente-ja-atende-no-mercado-municipal/>. Acesso em 6 mar. de 2024.

Fotografia 9 - [Colecionadora de Histórias: Ipujara \(coleccionadora-de-historias.blogspot.com\)](http://coleccionadora-de-historias.blogspot.com)

SILVA, Victória. **As delícias da nova Biquinha de São Vicente.** 1 fev. 2017. 13 fotografia. Disponível em: <https://www.juicysantos.com.br/comida/as-delicias-da-nova-biquinha-de-sao-vice>. Acesso em 6 mar. de 2024.

PREFEITURA DE SÃO VICENTE. **Memorial dos 500 anos.** 14 dez. 2021. 15 fotografia. Disponível em: <https://www.saovicente.sp.gov.br/memorial-dos-500-anos>. Acesso em 7 jan. de 2024.

Fotografia 17 - <https://carlosfortunato.blogspot.com/2011/03/>

Fotografia 18 -

<https://revistadoonibus.com/2022/08/07/sp-sao-vicente-anuncia-novos-itinerarios-e-horarios-dos-onibus/>

Fotografias 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 16. Amanda Emerich Setúbal, 2024.